

VESTIDA DE AZUL E BRANCO COMO MANDA A TRADIÇÃO: CULTURA E RITUALIZAÇÃO NA ESCOLA

Mírian Paura S. Zippin Grinspun

Doutora em Filosofia

Professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro



CHAVES, Iduina Mont'Alverne. *Vestida de azul e branco como manda a tradição: cultura e ritualização na escola*. Niterói: Intertexto. Rio de Janeiro: Quartet, 2000. 192 p.

O título *Vestida de azul e branco*, mesmo com o subtítulo *como manda a tradição: cultura e ritualização na escola*, carrega em si próprio uma série de símbolos e significados traduzidos em recordações e lembranças. Essas eram (e são) lembranças de uma normalista que embora não tenha estudado ou trabalhado no Colégio Estadual Júlia Kubistcheck (fui aluna do Instituto de Educação) sabe muito bem o sentido e o que representava vestir aquele uniforme único, marcado nos versos da canção interpretada por Nelson Gonçalves. Este é um dos impactos que o livro nos proporciona. Estamos diante de uma obra que nos faz refletir e analisar uma escola – no caso, na modalidade de ensino normal –, as relações

pedagógicas e interpessoais na escola e a própria formação de professores numa perspectiva tradicional e numa dimensão renovadora. A partir de determinados temas/conceitos e aprofundamento teórico específico centrados na questão básica da escola, sua cultura, a autora busca compreender e interpretar uma instituição que forma professores há muitas décadas, mas que é diferente das demais, na medida em que alguns adjetivos lhe são atribuídos, como: casa de estudo e bondade, templo augusto, doce lar. Afinal, que escola é essa?

Iduina Mont'Alverne Chaves, a autora, escolheu essa escola para objeto de pesquisa de sua tese de doutoramento (posteriormente, publicação do presente livro) e teceu com fios da sabedoria, competência e sensibilidade o difícil conhecimento de uma escola com suas tramas e dramas de relações que transcendem uma instituição de ensino para se tornar um modelo para a rede pública de ensino. A autora trabalhou nesta escola como professora e a ela retornou anos depois para entendê-la mais profundamente, tanto pelo lado da norma quanto pelo lado da vida (do seu cotidiano). Muitas foram as perguntas que a autora fez nesse encontro com a instituição de ensino e o livro tenta descobrir como aquela escola diferente foi construída por seus principais protagonistas. Essas perguntas apontaram para os caminhos desse estudo/pesquisa, sendo que entre os temas destacados para a análise a autora apresenta: a tradição, a ordem, a disciplina e a organização rígida da escola, o padrão Júlia de qualidade, limpeza, valorização do professor, valorização do curso de formação do professor, liberdade para trabalhar, prazer e proteção.

Esses temas estão desenvolvidos no livro – com muita propriedade – por meio de duas partes contempladas em três capítulos: o primeiro, sobre a organização, cultura e imaginário, abordando questões relacionadas ao paradigma e à complexidade; a segunda parte fala da escola e dos seus professores com os capítulos sobre a escola – cenário, palco e ação –, luzes e sombras e um capítulo sobre os atores: imagens e cenas da vida de professores. Na primeira parte, a autora trabalha com as teorias que fundamentam suas reflexões a partir da pesquisa que realizou com os professores da escola. Na segunda parte, há a narrativa/descrição etnográfica da escola e dos grupos que nela interagem. Seguem-se no capítulo três as histórias/relatos da vida do grupo de dez professores que, de alguma forma, participaram mais diretamente da pesquisa e a análise dos testes AT-9 (Teste Arquetípico de Nove Elementos), com as respectivas análises dos universos míticos desses sujeitos. Além de um “diário etnográfico” construído pela autora para registro de todos os momentos do dia-a-dia da escola, a técnica utilizada por intermédio do teste AT-9 permitiu o levantamento/apreensão da dimensão simbólica/cultural da escola na medida em que procurou interpretar vários universos trabalhados pelos professores.

De imediato a leitura toma conta do leitor pelo estilo original, suave e inteligente com que a autora apresenta os seus pontos principais, fazendo, mais do que um retrato, uma radiografia de uma escola normal, buscando entendê-la em suas múltiplas relações por meio do fio condutor da tradição existente, mas caminhando na compreensão da inovação que a escola pretendia realizar. Iduina consegue o seu objetivo numa análise rica no suporte teórico, mas sensível à pesquisa etnográfica que realiza. A cultura-análise que a autora faz desta escola, em alguns momentos, deixa para o leitor a sensação de que mais do que uma pesquisadora frente a seu objeto de estudo estamos diante de uma escritora, professora sensível ao seu tempo e a sua profissão, desdobrando nas interpretações com muita paixão e desejo de desvelar o segredo de uma escola que, nos parece, no seu tempo deu certo.

Iduina dialoga com autores como Maffesoli, Durand e Morin, em especial, e encaminha suas observações do dia-a-dia da escola, do seu cotidiano para saber como a mesma, no seu movimento-ação, pôde se organizar, transmitir os conhecimentos aos seus alunos e ainda ser um lugar de prazer para seus professores e alunos sem modificar as práticas sociais vigentes. Outro autor com o qual Iduina trabalha é o professor José Carlos de Paula Carvalho, que nos aponta para a questão da “cultura-análise?” de grupos como a desembocadora de uma antropologia das organizações. Ela tenta – e consegue – estudar a cultura disseminada no e do Colégio Estadual Júlia Kubistcheck (CEJK), desvelando sua dimensão imaginária, seus ritos e sua identidade.

A leitura nos remete – em termos de análise/reflexão – para um determinado período da educação brasileira em que ser professor poderia ser traduzido como um status social e o fato de ser professora (a então professora primária) já sinalizava uma carreira segura a ser alcançada. O interessante é que o livro nos conta esta história pelas histórias/narrativas de seus protagonistas, procurando conhecer/interpretar os ritos/mitos que estão subjacentes nas falas de seus autores. Nesse sentido, a busca desta compreensão sobre o que se passa na escola se torna não apenas objeto de pesquisa, mas também objeto da própria formação docente. O livro nos remete a esta reflexão.

A leitura vai se tornando pouco a pouco uma volta ao passado, à medida que me vejo, em alguns momentos, como cúmplice desta época, quando conheci esta escola e sabia da reper-

cussão da mesma (e de outros pouquíssimos colégios estaduais, na década de 1970 até meados da de 1980, considerados de excelência na área de educação da rede pública do Estado do Rio de Janeiro) no cenário educacional/social do estado. O que seria ou o que estaria acontecendo com essa e mais duas ou três escolas que tiveram uma repercussão além do seu tempo histórico, sendo as mesmas estudadas em dissertações e teses de doutoramento? (O Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, na época referida, foi objeto de mais de quatro estudos nesta linha. Aliás, é um bom indicador, no futuro, fazer um estudo comparativo entre as mesmas). Esta é uma leitura, portanto, mais do que agradável, instigante e necessária para entendermos o avesso das escolas tidas como de qualidade. O instigante está explicitado na visão da escola como um cenário com seu palco e ação, com suas luzes e sombras. Havia controle (na escola), mas havia também uma coisa de vestir a camisa da equipe. O crítico está em saber o porquê do bom funcionamento da instituição, se estava numa dimensão da tradição ou na dimensão de relações significativas. Perguntas, entretanto, ainda ficam em aberto: era a autoridade do diretor, era a equipe unida, era a gestão democrática em que se analisavam e discutiam os conflitos, era o orgulho de se pertencer a essa escola? Era o período que possibilitava este tipo de conagração? Era o prazer de ver respeitado o seu trabalho? Talvez muitas dessas perguntas ainda precisarão de novos estudos. Este entretanto nos ajuda – e muito – nesta caminhada.

Um dos pontos principais da leitura desta obra é exatamente a leitura e interpretação dessas histórias de vida que marcaram a vida do sujeito/ator, mas possibilita ao leitor/educador conhecer a tessitura de uma escola repleta de rituais e festas específicas em si.

Todos os pontos principais são retomados nas considerações finais, tecendo com os pontos teóricos apresentados no início da obra. A tradição: um fio condutor do que era antes e do que se espera no amanhã, numa época marcada pela globalização, por novas tecnologias e pós-modernidade. O livro é uma leitura obrigatória a todos os professores (mesmo os que não se apresentavam vestidos de azul e branco) pelo caráter de profundidade teórica em resgatar uma cultura pelo viés do seu imaginário e de sua tradição, pelo caráter de seriedade e, ratifico, de sensibilidade em trazer um pouco de luz/ação para um tempo da história da educação. Há que se elogiar a autora pela questão das narrativas/histórias de vida dos professores (metodologia significativa para a compreensão do que é o fenômeno educativo, como diria Durmeval Trigueiro Mendes), mas há que se elogiar na obra a busca da compreensão dos cantos e contos de uma escola (volto a insistir, como pouquíssimas na época) que simplesmente eram diferentes das demais.

Tomo, novamente, de empréstimo palavras da autora, ao término desta agradável e necessária leitura, quando nos diz ao final de seu livro: “Um ponto forte do Júlia é o prazer. Os professores, em sua grande maioria, impulsionados, talvez pela ilusão grupal de melhor escola, vão dando o melhor de si”. Eu afirmo: Um ponto forte da leitura deste livro é o prazer de tê-lo lido. Os professores impulsionados pela certeza (dentro das incertezas do tempo atual) de terem uma melhor escola, devem dar o melhor de si, estudando, pesquisando, trabalhando em prol de uma educação de qualidade para o seu país. Iduina fez e nos mostra esse caminho.